

RESENHA

ARRAIS, TADEU ALENCAR. **SEIS MODOS DE VER A CIDADE**. GOIÂNIA: CÂNONE EDITORIAL, 2017. 174P.

Bruna Alves da Silva¹

Imagine-se programando sua próxima viagem a uma cidade que a muito deseja conhecer. Com certeza usou o *Google Maps* para localizar geograficamente a cidade, observou se é mais plana ou encrustada em uma montanha, explorou imagicamente suas belezas naturais, compôs sua paisagem em consonância com os pontos turísticos que deseja visitar e por fim, vendo as fotos dos habitantes locais se sentiu integrado àquele cotidiano, mesmo que brevemente. Pois sim, o que mais deseja um viajante do que conhecer uma cidade vivenciando os costumes e a cultura local? É exatamente esse passeio que Arrais nos convida a fazer em seu livro “Seis modos de ver a cidade”.

O autor deste interessante livro, Tadeu Alencar Arrais, é natural de Goiânia (GO), Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e professor do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Sua atuação vai muito além da sala de aula, participando ativamente dos problemas relacionados à política e gestão de sua cidade natal. Arrais já é produtor de uma obra considerável em sua área de atuação (Geografia urbana e regional), com variados artigos em periódicos e diversos livros, podendo destacar alguns títulos como: *O retorno do risco social no campo - a reforma previdenciária e o fim da aposentadoria rural* (2017); *O Século XX em Goiás: o advento da modernização* (2016); *Goiás - para viver e aprender* (2015); *Goiânia: para viver e aprender* (2015); *Goiás: das paisagens do Cerrado ao espaço da agropecuária* (2014), dentre muitos outros.

¹. Programa de Pós-Graduação Territórios e Expressões Culturais no Cerrado - TECCER – Universidade Estadual de Goiás - Campus Anápolis E-mail: brunalvesilva1@gmail.com

Silva, B. A. Resenha: ARRAIS, Tadeu Alencar. Seis modos de ver a cidade. Goiânia: Cânone Editorial, 2017.

Em seu último livro, *Seis modos de ver a cidade*, Arrais nos brinda com um estudo muito singular do urbano, contemplando em sua análise um viés interdisciplinar, principalmente no que se refere ao diálogo com a literatura e o cinema. Para explorar esses modos de ver a cidade, o autor estrutura sua narrativa nas seguintes abordagens: *o mapa, a morfologia, a ecologia, a técnica, a paisagem e o cotidiano*.

As primeiras representações sistemáticas das cidades foram os *mapas*. Por questão de estratégia, com as grandes navegações era necessário conhecer e mapear as cidades e portos mais importantes para os navegantes. Logo, a partir do século XV, os mapas tiveram a função de dar a conhecer as principais cidades litorâneas, “é sabido que a urbanização seguiu, tanto no mediterrâneo quanto na Ásia nas Américas, as faixas litorâneas” (p. 18). Em plena renascença, cidades como Amsterdã, Constantinopla, Barcelona, Veneza, Londres, Praga e Granada, tiveram seus mapas confeccionados para servirem às diferentes nacionalidades dos mercadores que ancoravam em seus portos.

Os mapas desse período possuem variadas ilustrações, desde os principais pontos das cidades, como as muralhas - item indispensável à segurança, todas as grandes cidades medievais representavam-nas em seus mapas - bem como os rios e pontes. Cidades como Londres e Paris, já no século XIX, tiveram nos mapas um artifício que facilitava a locomoção do viajante, que devido ao crescimento urbano tornara árdua a tarefa circular com certeza pelos becos e vielas dessas urbes. Até Sherlock Holmes se valeu dos labirintos londrinos (p. 25).

Segundo o autor, os mapas acompanharam a evolução das cidades, e com isso, passaram a demonstrar as áreas de conflito, de tensões urbanas e sociais, de misérias econômicas e epidêmicas, suscetíveis a desastres naturais, como enchentes ou deslizamentos. Com a modernização das guerras os mapas se veem a serviço dos estrategistas militares que, com o avanço da tecnologia, podem captar imagens precisas das cidades, reformulando rotas e, por vezes, dizimando populações inteiras com uma precisão assustadora. Com os mapas aprendemos a ver a cidade como também compreender as mudanças empreendidas pelo homem nas urbes mundo afora.

Na sequência, Arrais mostra que as linhas, as retas, os aclives, ou seja, a silhueta que as cidades possuem compõe sua *morfologia*, e identificar uma cidade por suas linhas, e conseqüentemente por sua forma é a segunda possibilidade de ver a cidade. O autor exemplifica com duas cidades que não passariam despercebidas: Atenas e Rio de Janeiro. A morfologia dessas duas cidades não as deixa confundir com as demais; as montanhas e as florestas mescladas à paisagem com o pão de açúcar não deixará

Silva, B. A. Resenha: ARRAIS, Tadeu Alencar. Seis modos de ver a cidade. Goiânia: Cânone Editorial, 2017.

viajante nenhum em dúvida de onde esteja. Será a morfologia que contribuirá para a formação de um núcleo populacional em determinada região. Os embriões das cidades, no Brasil Colônia, por exemplo, se deram nas regiões próximas às minas de ouro, já no Oeste dos Estados Unidos as cidades ferroviárias buscaram pelas terras planas. Os rios também figuram como fatores morfológicos de suma importância para a fixação do núcleo urbano, exemplo dado é do crescente fértil, na antiga Mesopotâmia, e o rio Nilo no Egito.

A ocupação racional das cidades modernas tem suas bases em escritos de Aristóteles, que já advertia para a necessidade de se escolher o local que apresentasse melhor salubridade, portanto, os mais elevados. Essa estratégia racional de ocupação das cidades expõe os conflitos de classe e as dicotomias de ocupação e circulação nas mesmas. No século XIX, no Brasil escravocrata, ladeiras, pesos e cargas eram destinados aos negros. A topografia do terreno ajudara a sedimentar a segregação social, étnica e cultural. Salvador, como exemplo, delimitava-se em “cidade alta” e “cidade baixa” na execração do preconceito racial e social. Já nos séculos XX e XXI a topografia da cidade resplandecerá a morfologia social; os ricos cada vez num patamar mais alto. O progresso técnico possibilitou o domínio de áreas que antes não podiam ser habitadas, edifícios cada vez mais altos, segurança e visão panorâmica. No caso do Rio de Janeiro, por exemplo, uma vista para o mar já é comercializada por 20 milhões de reais (p. 43). Assim, o autor adverte que com a morfologia social as mazelas sociais das grandes cidades não são divididas por igual, aliás, igualdade é um termo *sui generis* na sociedade capitalista que domina a lógica da espacialização nas cidades contemporâneas.

No terceiro modo de ver a cidade, Arrais traz o conceito *Ecologia*. Uma analogia entre os processos biológicos e as ciências humanas que ganhou novos significados com os estudos de Mike Davis (1993, 2001) sobre a cidade de Los Angeles no qual o autor demonstra como “a ecologia humana está submetida ao tempo geológico na mesma proporção que ao tempo histórico” (p. 45). Desta forma, o tempo geológico das cidades vai sendo paulatinamente modificado pela técnica, o que ocasiona uma série de problemas que a natureza sozinha não consegue absorver ou reestruturar. Quando o homem modifica o meio natural para atender suas demandas particulares não o faz pensando a cidade como um sistema vivo, interligado e coeso. O resultado são as intempéries naturais e “um perverso ciclo de riscos não socializados”, risco de deslizamentos, enchentes, atropelamentos, fome (p. 46).

O autor afirma que as relações humanas dentro da ecologia urbana serão sempre desiguais, pautadas pela exploração de um grupo sobre o outro onde o lixo de um é alimento para outro. Não há equilíbrio ecológico e social, as disputas e riscos são frequentes e resultam de tempos em tempos em verdadeiras catástrofes socioambientais, como a peste negra na Idade Média, fruto da imundície das cidades e do intercâmbio comercial, agravada pela eliminação dos gatos, em especial os pretos, que na visão supersticiosa do período eram os responsáveis pela propagação da praga, por serem hospedeiros do mal demoníaco. Só neste exemplo nos deparamos com duas violências contra os biosistemas das cidades: a sujeira e a poluição, que por si só geram riscos à saúde humana e ambiental, e a eliminação do predador natural dos ratos, hospedeiro da pulga portadora da bactéria *yersinia pestis*.

Na modernidade, com a urbanização crescente e sem planejamento na era industrial, o fogo era o risco premente nas grandes cidades como Londres e Paris. Becos e vielas, amontoadas de moradias precárias e sem sistemas de contenção de incêndio foram palcos de incêndios memoráveis, que possibilitaram a reformulação de grandes áreas, tamanho o grau de destruição. Nessas oportunidades os pobres, os que mais sofrem com as intempéries da ecologia urbana, segundo Arrais, tiveram suas habitações redirecionadas, expelidos para áreas longínquas dos centros, que passaram por reformas estruturais e sociais. O autor cita novamente o caso de Paris e do Rio de Janeiro, que se espelhou naquela para retirar do centro da cidade os cortiços e empurrá-los para os morros.

Na atualidade vivemos o medo de outra epidemia: Dengue, Zika e Chikungunya transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*, o acúmulo de lixo, falta de limpeza nos lotes baldios, reafirmados por uma educação precária, que não entende que o mal do outro, devido ao rápido fluxo de pessoas e do mosquito, se abate sobre se, são elementos que contribuem para proliferação do mosquito e de casos cada vez mais graves, aumentando o número de óbitos em decorrência dessas enfermidades.

Concluindo o *ver ecológico* das cidades, o autor ressalta a ineficiência dos governantes em promover uma verdadeira preservação, conservação ou revitalização dos rios brasileiros, citando o caso do Tâmisia, que no século XIX exalava um odor fétido e teve a técnica usada ao seu auxílio, e hoje, no século XXI, abriga carpas e postais. No Brasil, rios como Tietê, Capibaribe, Meia Ponte, Iguaçu, não são mais como no século XIX, pioram muito (p. 65). Esgotos, sedimentos, lixo industrial, enfim, não

Silva, B. A. Resenha: ARRAIS, Tadeu Alencar. Seis modos de ver a cidade. Goiânia: Cânone Editorial, 2017.

faltam poluentes e nem a técnica para reavivá-los. Falta, assim como em vários setores da sociedade brasileira, querer político-administrativo.

A *técnica* é conjunto de procedimentos, de arte, de fabricação, que possibilitou às cidades uma intensa transformação, desde o solo até a sua importância simbólica para a vida das comunidades que as integram. Arrais inicia a discussão sobre a técnica lembrando como se deu a disputa entre as cidades de Paris e Chicago, no fim do século XIX, com as denominadas Exposições Universais, Chicago, 1893 e Paris em 1889, em comemoração aos 100 anos da revolução. A rivalidade disfarçada de patriotismo (p. 68) servia para celebrar os avanços técnicos e inauguração de uma nova arquitetura das cidades.

O autor faz um *tour* pelas cidades, que surgiram a partir da sedentarização do homem no crescente fértil, demonstrando como a técnica e as cidades são parceiras há muito, pois, “podemos dizer que a cidade, ao longo da história, tornou-se, por excelência, um meio de produção, divulgação e celebração da técnica” (p. 69). Arrais identifica três funções da técnica nas cidades: Artefato (ferramentas e utensílios), sistema (rede) e relação (expertise de uso). Da pá ao facão, passando pelas corporações de ofícios na Idade Média à máquina à vapor, podemos vislumbrar como os artefatos e utensílios contribuíram para dinamizar o modo de vida nas cidades.

Já as redes técnicas de energia, água e esgoto, serão uma resposta as constantes modernizações urbanas. As cidades não mais dormirão, o ritmo fabril implementar-se-á por meio dessas redes, que manterão as cidades em constantes iluminação, movimento, rotação de ideias, pessoas e tráfego. Mesmo quando ao acordar, não saibamos como são feitas as distribuições de água, energia e esgoto por toda a cidade, somos impelidos ao movimento, ao cotidiano, ao viver citadino. É desta forma que confiamos, nos aparatos tecnológicos sem muito questionar, dos elevadores aos caixas eletrônicos. Nossa relação com a técnica tornou-se tão familiar que assumiu um caráter de dependência, como era antes do telefone? Como nos comunicávamos antes dos aplicativos de mensagens? São questionamentos que somente os mais idosos, adversos às mecanizações das ações e, talvez, das emoções humanas, sabem responder: falávamos diretamente olhos nos olhos, usávamos cartas e aguentávamos o tempo da espera da resposta, o afago do cafezinho oferecido pelo gerente do banco, coisas que a praticidade delegou ao desuso.

Assim, o autor nos mostra que as cidades comportam em seu bojo a dicotomia entre ser emancipadora e alienante. Podemos viver nas cidades compreendendo todos os meandros que a urbanização, a industrialização, a capitalização dos bens e dos homens

Silva, B. A. Resenha: ARRAIS, Tadeu Alencar. Seis modos de ver a cidade. Goiânia: Cânone Editorial, 2017.

significam como também podemos apenas viver a frenética luta pela mercadoria e do uso inconsciente das coisas e do *ser*. Em suma, as cidades assumiram a vivência do capital, o capitalismo apossou-se das técnicas para fazer com que os indivíduos produzam mais, consumam mais e queiram aumentar seu consumo mantendo o ciclo do lucro em rotação constante.

E lá está ela, a cidade. Contemplando sua *paisagem*, através das nossas lentes de contato, pois, segundo Arrais, cada um enxerga a paisagem através de suas bagagens sociais, culturais e econômicas. O olhar do viajante compreenderá as heranças deixadas por aquela sociedade, na qual a cidade é palco, por meio de seus conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida, caso contrário, a leitura será superficial e não alcançará as peculiaridades do cotidiano da urbe. Como, por exemplo, as constantes transformações na paisagem urbana em consonância com as exigências do mercado capitalista e da administração pública.

As grandes reformas urbanas, de acordo com Arrais, citando os casos de Paris, Rio de Janeiro e a construção de Brasília, visam eliminar as marcas de um passado que se quer esquecer ou suplantado por um novo modelo político-administrativo, econômico e social. Os governantes, respondendo às necessidades do capital, compreendem que grandes mudanças na paisagem servem para liberar áreas nobres para a especulação imobiliária, e absorver os excedentes de mão de obra. Tomam soluções em momentos de crise em nome da modernidade, eliminando espaços públicos de convívio social que remetem a ancestralidade das comunidades em questão. As guerras, eventos abruptos e violentos, também contribuem para a alteração da paisagem.

Grandes eventos, como por exemplo, a Copa do Mundo e as Olimpíadas, são usados para justificar as alterações na paisagem urbana. A ideia é sempre retirar das áreas mais visíveis os indesejados: pobres, pessoas em situação de rua, dependentes químicos, enfim, aqueles que não contribuem, na visão da administração pública, para a boa imagem da cidade/país. Por isso, o autor adverte que a paisagem, em especial as harmônicas, arborizadas e habitadas pelas classes abastadas, pode enganar e não evidenciar os conflitos e dicotomias que envolveram sua posse e reestruturação.

Exemplificando essa falsa normalidade, Arrais retoma a ideia dos condomínios fechados e sua ligação com as fortificações medievais. É uma maneira dos ricos condicionarem segurança a uma espacialidade por eles tomada, fruto da valorização das áreas urbanas, que fazem com que estes empreendimentos localizem-se distantes dos centros, próximos das rodovias ou vias expressas, facilitando a locomoção de seus

Silva, B. A. Resenha: ARRAIS, Tadeu Alencar. Seis modos de ver a cidade. Goiânia: Cânone Editorial, 2017.

moradores, mas que os coloca em convívio com os menos favorecidos economicamente, que sofrem com a violência sem os aparatos protetores dos primeiros.

Arrais diz ainda que as cidades estão tomando “a mesma cara”. Observemos as grandes favelas da África, dos países latinos e as do Brasil. Todas partilham o desespero dos moradores em alcançar aquilo que é mais básico da existência da espécie: humanidade. Parece ilógico falar de humanidade quando estamos nos referindo a moradia de homens, mas nesses lugares, seja em qual parte do globo, as condições subumanas de vivência podem fazer os leitores vacilarem nas suas convicções daquilo que se denominou como *Homo Sapiens*.

Exemplo, repaginado diretamente do século XVII, são os denominados *Grand Tour* urbano, que usam da especulação da pobreza das grandes favelas para lucrarem. O destino pode ser tanto Kibeba, a maior favela do leste da África, como a Rocinha, no Rio de Janeiro. O passeio consiste, basicamente, em observar *in loco* a precariedade e a condição subumana a que pode ser submetido o homem. Assim, as paisagens urbanas acabaram por se adequarem a *sociedade do espetáculo*, tornaram-se funcionais para a economia capitalista, explorando cenicamente e cinicamente aqueles que mais sofrem com as mazelas do sistema econômico vigente.

Caso o leitor tenha seguido o conselho do autor, imagetivamente programado sua viagem para descobrir *os seis modos de ver a cidade*, finalmente é chegada a hora de descobrir como o tempo de produzir, consumir e morar nas cidades, ou seja, seu *cotidiano* se apresenta ao longo da história.

Foi justamente por criticar e convidar à reflexão, por vezes dolorosa, no modo como se produzia, consumia e morava em Atenas que Sócrates foi condenado a morte. O filósofo afirmava que as condutas humanas valiam mais do que as configurações dos espaços urbanos. No entanto, Arrais destaca que na história das cidades existe uma correlação entre a forma urbana e as concepções predominantes acerca de produzir e consumir, e o cotidiano (p. 106). Logo, nos limites das suas muralhas, as cidades medievais viviam o cotidiano no dueto Deus e Terra/ senhor e senhorio. Esfervilhadas pelas trocas comerciais, pela proximidade dos corpos, pelo barulho das feiras que anunciavam o alargamento das muralhas para além mar. O resultado foi o tempo fabril nas cidades industriais. O cotidiano industrial determinou o tempo do trabalho e o tempo produtivo. Viver passou a ser cronometrado no relógio, com hora determinada, regulamentaram o cotidiano: acordar, trabalhar, comer, dormir...trabalhar, produzir, ser produtivo, gerar lucros e nunca parar.

Silva, B. A. Resenha: ARRAIS, Tadeu Alencar. Seis modos de ver a cidade. Goiânia: Cânone Editorial, 2017.

Arrais procurar trazer o cotidiano das grandes cidades através do cotidiano das gentes simples e dos trabalhadores que tiveram seu viver metodicamente mais comprometido pelo crescimento das forças capitalistas. Nas profusões das ruas londrinas, parisienses e cariocas, teremos a possibilidade, devido ao grande número de pessoas morando próximas umas das outras, da eclosão das grandes greves gerais, que vão sinalizar o desgosto e sofrimento do proletariado explorado, tal proximidade será decisiva para a organização dos movimentos operários nos meios urbanos.

Desse modo, o autor expõe as incongruências entre mobilidade e trabalho da classe trabalhadora. Nas metrópoles o trabalhador quase nunca consegue a comodidade de morar próximo ao seu trabalho, forçando os mais pobres a migrarem para as áreas periféricas das cidades. Assim, as cidades constroem novos códigos de conduta a partir do lugar de onde se mora. Arrais explica: sua condição econômica determina onde você pode morar e onde pode frequentar, por questões de mobilidade e status social. Sobra aos mais pobres o espaço público: praças, marquises e a rua. A cidade passa a ser vivida por partes, por regiões e por setores, não tendo mais a possibilidade de uso comum, não vivenciamos a cidade como um todo, como um único e grande espaço público. Por isso, podemos dizer que a cidade se subdividiu.

Não por acaso Arrais afirma que as cidades são fermentos para revoluções. Grande número de pessoas disputando espaços, condições de sobrevivência, partilhando explorações diárias e fomentando relações de amor e ódio, só poderiam resultar em confabulações subversivas.

E no meio do turbilhão, o cotidiano citadino segue seu curso como a água infiltrando-se por meio da rocha, as pessoas aguardam o cessar fogo, o revistar dos porões, e seguindo seu viver, buscando construir uma lógica, uma ordem que se possa orientar no meio do desmoronar político, ideológico e social. Pois, conclui Arrais, referindo-se a Sennett (1998), o cotidiano não é totalmente programável, sempre haverá uma surpresa, algo imprevisível capaz de revirar a monotonia e suscitar esperança.

Tadeu Alencar Arrais, tomando como principais referências os geógrafos David Harvey, Mike Davis e a ativista Jane Jacobs, explora as visões desses autores na compilação dos *Seis modos de ver a cidade*. Harvey e Davis, estudiosos da Geografia Humana e do marxismo entendem a cidade como lócus de conflitos sociais e exploração do capital sobre a força produtiva. Apontam, apocalipticamente, que as condutas exploratórias além de dizimar os recursos naturais, eliminando as riquezas da biodiversidade do planeta como um todo, contribuem para a afirmação de uma

Silva, B. A. Resenha: ARRAIS, Tadeu Alencar. Seis modos de ver a cidade. Goiânia: Cânone Editorial, 2017.

sociedade urbana autodestruidora, ou seja, se continuarmos explorando as cidades, seus recursos materiais e sociais em excesso, iremos todos perecer muito em breve.

Jacobs, ativista norte-americana que pregou o uso comunitário e consciente dos espaços públicos nas grandes cidades, oferece o refrigério de esperança, a possibilidade de aprendermos a desenvolver atitudes que contribuam para a construção de um ambiente citadino mais humano e mais participativo. Arrais finaliza sua análise afirmando que as cidades não são formadas apenas de pedra, concreto e madeira, assim como o homem não é só suor, carne e sangue. Homem e cidade possuem embrincados subjetivos que precisam ser resgatados e vivenciados para que a vida na urbe não seja áspera e estéril, mas sim prenha de esperança; é possível erigir um espaço urbano afável.